

DIFUSÃO CULTURAL DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA RÁDIO WEB

Renato Silveira (Pós-Crítica\UNEB)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está balizado em pesquisas ainda não conclusas e em fase de processo contínuo, assim sendo, o estudo produzido servirá de base para os futuros caminhos que possibilitarão a elaboração da dissertação de mestrado para a Pós-Graduação em Crítica Cultural, da UNEB/Campus II, positivado pela doutrina dos professores em suas respectivas áreas. A Universidade nos dá uma dimensão do que teremos pela frente e com o auxílio das referências bibliográficas novos elementos indispensáveis surgirão para a confecção deste estudo. As reivindicações ganham frente de mobilidade com os direitos humanos, da posição das mulheres, dos negros e os direitos gays junto à nova proposta de rádio difusão laboratorial acadêmica em ciências humanas, buscando os elementos linguísticos culturais da comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Queer e Intersexual+ (doravante LGBTQI+) para entender e quebrar os paradigmas comunicacionais modernos. Porém sua história começa bem antes quando o rádio imperava, paulatinamente foi ganhando espaço e começou a competir com a TV e, posteriormente, iniciou novo processo de comunicação e nas últimas décadas graças aos avanços tecnológicos, vimos surgir uma nova realidade. Essa modernidade acelerou o processo de rádio difusão, causando rupturas na forma de linguagem e comunicação.

As investigações no campo das ciências sociais ocorreram de forma estratégica onde se utilizou de elementos bibliográficos respaldados pelos representantes da crítica cultural como Deleuze & Guatarri, Derrida, Santiago, Ginzburg, Agambem, bem como Butler, Preciado, Colling e outros autores que enriqueceram a conceitualização e aplicação, indicando a praxiologia do referido tema. A cultura patriarcal e masculinidade hegemônica ainda configuram o retrato do binarismo, situando todas as pessoas que não estão no centro da heteronormatividade como abjetas fora do convívio generificado do estado ser homem e ser mulher cisgêneros.

Os conceitos empregados pela web rádio trazem eixos referentes ao gênero de modo despolarizado, considerando propriedades discursivas de naturalização do corpo, firmando sua luta contra a violência e o direito a outras formas de existir. Mesmo com toda tecnologia, é cedo para avaliar esse novo formato, ainda por ser um projeto elementar, visto que a internet em nosso país é recente, de modo que a web rádio já não pode mais ser comparada à TV ou até mesmo ao rádio clássico, seu desempenho, apesar de debutante, é visto como algo sólido e com ares autônomos beneficiados pela sua dinâmica e pelos baixos custos. Inova por ocorrer em tempo real, por ter

resposta imediata do público LGBTQI+, bem como por ser usada como forma de demanda por mais direitos sociais através desse novo meio comunicacional de massas.

As pessoas, no seu aprimoramento pessoal e social, podem e devem aproveitar os avanços da *web rádio* que se faz presente como um novo desafio, adaptando-se aos elementos sonoros e visuais por meio de conexão através do Uniform Resource Locator (URL). Sua localização na internet diferencia-se da sintonia do canal da faixa através do suporte *streaming*, ou seja, sua programação ocorre em tempo real ao tempo do ouvinte, dispensando todo o apartado antes usados na figura dos rádios e suas ondas hertz. A primeira rádio nessa configuração surgiu em 1985, a *Internet Talk Radio*, nos EUA; no Brasil, esse fato ocorreu em 1988, na Rádio Totem. No novo modelo de radiodifusão, as ferramentas surgiram chamando a atenção ao público LGBTQI+ pela qualidade digital, dinamismo, elementos imagéticos e interação como uma nova proposta que trabalha continuamente a nova conversão cultural proporcionado por esse tipo de inovação.

Aludindo a Preciado (2014): “tanto o sexo quanto o gênero e a sexualidade seriam resultados de dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo: "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual" não passam de máquinas, produtos, instrumentos, redes, conexões, fluxos de energia e de informação, usos e desvios que incidem sobre o corpo”. Nesse caso, tais avanços tecnológicos e sociais foram imprescindíveis para entender os esboços deste trabalho, no modo de agir e compreender as diferenças biológicas sexuais que são construções sociais oriundas do ranço patriarcal respaldadas pelo poder e diferenças de sexo de uma cultura distorcida, machista e preconceituosa. O sucesso ao público LGBTQI+ se destaca pela forma como a informação acontece, ou seja, os ouvintes preferem esse modelo mais eficiente, menos carregado de comerciais e que atendem à demanda de seu público. Trata-se de uma proposta caracterizadas por ser menos maçante e mais dinâmica, quando a programação visa disseminar linguagens mais atuantes na cultura de gênero, raça, sexualidades, etnias quando usa os recursos modernos da tecnologia como a *web rádio*, por meio de frequências sonoras. O sucesso da *web rádio* ocorre pela simpatia do modelo de músicas ligadas aos movimentos correlacionadas a demanda dos direitos sociais.

RÁDIO WEB: UMA NOVA PLATAFORMA DIGITAL

Tem como proposta uma democracia virtual, além dos elementos sonoros textuais e imagéticos. Segundo Derrida (2001), a linguística trabalha não só o texto de uma perspectiva pragmática, cultural e cognoscivo, mas também pela análise do discurso, que, no sentido digital, opera de na maneira a estabelecer fontes que capta enunciações, modos de vida que podem revelar processos analíticos em torno das subjetividades. Ou seja, trata-se de utilizar novos elementos de comunicação como a *web-rádio* simplificados pelo modo de difusão, agora, sem as dificuldades de

conseguir autorização ou implementação, com instalação de baixo custo diferente do modelo clássico. Sua maior abrangência ocorre aos que se identificam LGBTQI+ e seu ápice aconteceu nas paradas do orgulho gay a partir de 2007 e 2008, quando teve maior participação do público, ao demandar mais respeito e menos discriminação sob a forma de protestos. No site gay MixBrasil, a web rádio é tido como representante dos LGBTQI+, servindo como porta voz ao movimento. O site aborda a diversidade sexual, é considerado o maior portal de informações para a cultura pop LGBTQI+ do Brasil; o grupo MixBrasil se destaca por apresentar players com conteúdos voltados para os gays, sendo considerado um dos mais bem-sucedidos no país, sua operacionalidade acontece na web, em jornal, rádio e TV fechada.

A rádio web aliada ao foco de discurso LGBTQI+, em relação às posturas, posições, letras de canções, comentários enunciados por esse canal, ainda por não ter comerciais como na rádio hertz, e quando ocorrem acontece pela demanda do ouvinte que clica sobre o comercial, se for seu interesse, ponto. Na rádio web, o ouvinte não fica sob a clausura do comercial, ele só acessa o comercial se desejar, a operacionalidade dos gêneros publicitários cativam o público de acordo com suas orientações sexuais. A dialética ocorre tanto para a rádio como para o ouvinte, ou seja, são novidades que inovam e atraem, fato comprovado pela maneira como a interação se dá, pelos elementos dispostos na homepage onde se visualizam as principais informações concentradas na legenda bem como a programação da rádio através do acesso via arquivos, vídeos, letras de músicas, bibliografias, chats, fórum, podcasts. Essa nova disposição radiofônica faz parte da pós-modernidade e consigo carrega elementos cada vez mais atrativos destacando-se pela sua não linearidade. Tal realidade jamais seria possível segundo Silviano, pois a nova crítica cultural associada à rádio web está longe do pensamento estruturalista, visto que, agora as novas formas de comunicação evidenciam essa realidade dentro e fora das paredes acadêmicas através da nova linguagem digital. Toda logística acontece graças à internet e, atualmente, ao telefone celular que por ser de fácil manuseio prático e portátil serve como propagador da web rádio.

Agamben e Deleuze contribuem com questionamentos que podem ser usados quando nos referirmos à web-rádio, seus discursos difundem subjetividades em estado-devir no processo de enunciação pelo canal de comunicação contemporâneo. Agamben (2005) cita a língua e esta pode se perder com o excesso de simulacro. Portanto, se a língua se firmar como sujeito, impossibilitará este sem a língua para fazer a história e, neste caso, o simulacro se realiza acima das grandes narrativas que levam apenas a reprodução, no caso da rádio web não será mais uma reprodução e sim uma inovação na maneira de se comunicar. Deleuze (1995) diz que a forma como a comunicação acontece é o diferencial e isto pode ser adaptado à web rádio, ou seja, existe uma reconfiguração de gêneros que só podem ser visualizados pela nova plataforma que não substituiu os antigos meios de comunicação, mas rompe com os paradigmas, agrega novos valores culturais, criando um verdadeiro

rizoma na medida em que esse sujeito possa narrar e fugir da armadilha da tri partição: a abertura do eu, a imagem do mundo pela sua inocência do termo e o livro para a criança: é um múltiplo lugar de registros: música, vídeo, bate-papo, por isso, o rizoma ajuda e explorar o mapa.

A *rádio web* configura um desempenho através da interação que possibilita alta definição de áudio, amplia exponencialmente recursos através da dinâmica infinitamente maior pelo seu alcance e de fácil desempenho. Em se tratando de dissidência sexual, enquanto ato de enunciação, o sentido de cópia é desvinculado para pensar a diferença de estruturas menos nomináveis, as regras de gênero obedecem a essa *performance*, não passando de fenômenos repetitivos que simulam um conceito natural, ou seja a web rádio apresenta em relação aos vários expoentes que ela desempenha e sob esses novos conhecimentos é necessário a construção do saber dos corpos, a construção de uma nova identidade que objetiva os movimentos que empoderarão antes uma classe invisível.

Diante de novas tecnologias e ferramentas, é indiscutível o questionamento até então sobre a inexistência dos problemas. Portanto, há perguntas que precisam ser respondidas: existe real importância e necessidade de vozes diferenciadas na difusão de saberes? Neste meio cibernético, a voz na radiofonia pode ganhar outros contornos? Comunidades virtuais realmente compartilham objetivos em comuns? Sendo positiva a resposta, quem será o porta-voz destas regras na web rádio? Quem determinará os limites? Haverá algum tipo de censura ou controle? São perguntas que o próprio tempo se encarregará de responder, o fato é que ao seu tempo as pessoas estão se adequando e tentando responder à sua maneira essas indagações bem como isso ocorrerá. Os LGBTQI+ não se calarão diante da ineficiência do Estado ou das agressões que sofrem diariamente, a demanda por proteção e dignidade vai além das vozes na rua, nos jornais, e até mesmo além da rádio web, seu grito ecoa desde a política até os meios de segurança para que garantam não só seus direitos mas também, sua integridade física.

Preciado (2014) também aponta questionamentos sobre os espaços errôneos: “a contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos e as falhas da estrutura social-discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dos "intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes, reforçando o poder dos desvios e derivações em relação ao sistema heterocentrado” (2014, p. 27).

Nesse sentido, diante dos fatos político culturais, a *web rádio* vem para somar inovando e transfigurando os moldes de apresentação, são mudanças que geram grandes resultados e aceitação do público. Tais levantes sociais atingem setores da comunicação governamental. Nessa plataforma, o público não é mais obrigado a ouvir programas como a *Voz do Brasil*, programas eleitorais

gratuitos, nos termos da rádio web a operacionalidade técnica e administrativa se diferencia da rádio hertz, tais programas não passam nessas rádios, nas rádios analógicas seriam punidas. A web-rádio se configura como uma política estética que comunica e ao fazer da arte um meio de difusão, opera discursos diferenciáveis e, por isso, que qualifica como sendo uma aposta para tratar de outros modos de existência.

Quando Bento (2017, p. 385) discute sobre a exclusão da população LGBTQI+ no Brasil e o modo como à suposta democracia legal ver as desigualdades, violências sexual e de gênero e as caracterizações do transfeminicídio no país, alerta para as políticas de extermínio das pessoas trans na sociedade brasileira.

CONCEITOS CRÍTICOS

Pensa-se agora a materialidade da língua, além do som, pode-se ir além como ocorre na *web rádio*, p. ex. Derrida (2001) diz que a dicotomia não acontece dessa maneira, não é língua nem fala, a web rádio pode ser vista desta maneira, não é TV mas possui imagem na internet, é apresentado ao vivo com áudio instantâneo e imagem mas não é TV, sua contextualidade está ligada aos elementos estruturais e linguísticos, são características imprescindíveis para o seu sucesso ou seja, a relação desse laboratório experimental transita nas variações. Segundo Preciado (2014): “a contrassexualidade tem como tarefa o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais, das relações de gênero e sexo que se estabelecem entre corpo e máquina/técnica, com a finalidade de desnaturalizar as noções tradicionais de sexo e de gênero.” São relações utilizadas de maneira paradigmática entre o evento web rádio e sua relação histórica bem como a contrassexualidade entre corpo/máquina/técnica. O diálogo entre Derrida, Preciado e a web-rádio enriquecem esse objeto de estudo no sentido de uma ideia, um gesto, podem ir além do pensado, como na *rádio web* e seu surgimento de algo até então inexistente, o diálogo muda a todo momento, são formas de resistência onde os LGBTQI+ são mais fortes do que aparentam ser.

A influência mútua da web rádio nos estudos e aprendizagens do conhecimento produzem resultados inesperados e salutareos para a sociedade, isso ocorre pela intersubjetividade através da possibilidade do sujeito de interagir com esse modelo democrático estabelecido, onde todos participam e o resultado disso é o sucesso que a *rádio web* nos propicia a cada dia. Derrida (2001) coloca a gramatologia no lugar da semiologia, para ele a gramatologia combate a linguística (som) e a semiologia (multiplicidade de signos). Se o som não é o que se fala nem qualquer outro modo de fala, só pode ser entre um e outro, uma marca, um corpo, ou seja, a *rádio web* tem sintonia por estabelecer o campo de signos e mostra o exercício de difusão diferencial, o corpo artístico é uma forma que toma para falar da performance cultural.

MÍDIA IMPRESSA (PERIÓDICOS) X MÍDIA DIGITAL (RÁDIO WEB)

As mídias impressa e digital apresentam algumas especificidades, na mídia digital estamos a todo o momento sendo bombardeados pelas “*fake news*”, já o jornal impresso peca pelos fatos publicados sem antes examinar sua veracidade. Nota-se que os responsáveis pelas publicações em relação aos LGBTQI+ ignoram os direitos humanos, violam leis civis no que tange aos direitos personalíssimos quando expõem as informações do RG inadvertidamente. O mesmo desrespeito é cometido quando se referem ao travesti e não a travesti, e esse jogo de palavras tornam a violência invisível quando divulgam imagens mostrando o rosto e seus ferimentos, sem o cuidado mínimo para perceber que há um ser humano agredido, machucado e humilhado. Quando Colling critica a notícia nos periódicos, ele o faz no sentido de dizer que a imprensa em suas manchetes coloca o homossexual como provocador da violência e, ao fazer isso, a mídia comete dois absurdos, incrimina e faz calúnias ao seu respeito. A web rádio funciona como uma ferramenta no sentido de alertar e orientar os que se sentem ofendidos com o intuito de esclarecer seus direitos e dirigi-los às autoridades se necessário contra seus agressores.

Ginzburg (1990) nos mostra os meios que o público LGBTTTQI⁺s possuem para se manifestar e com o auxílio do laboratório da *rádio web* apresentam resultados relevantes à função nas ciências humanas desvendando crimes, ou seja, o que esses jornais fazem com as pessoas agredidas e expostas. A cena do crime deve ser interpelada pela bibliografia, pelo resultado científico, desde os pensadores criminosos burgueses até a identificação das armadilhas do modo metodológico, as instituições que tocam o saber bem como os donos dos jornais. Nossos periódicos, são degradantes quando publicam estereótipos do gênero humilhando as pessoas trans, fazendo questão de dizer seu nome masculino para a mulher trans confirmando a violência estrutural, exibindo-os e ridicularizando-os à mídia “im”parcial, cujo histórico de violência e indução da opinião pública e em nome do lucro fazem uso do sensacionalismo onde a dignidade humana nada significa. A mídia impressa justifica a violência sexualizando o corpo exposto, onde se percebe a complexidade da informação reforçando o senso comum, não levam em conta que por trás daquela pessoa exposta existe uma família, um ser humano necessitado de proteção e não de exposição cruel.

CONCLUSÃO

Após analisar os discursos comparando-os com os estudos já produzidos e abordagens identitárias, de gênero e sexualidades associados as novas plataformas digitais até o momento, concluo que este trabalho, apresenta os avanços dos LGBTQI+ onde suas demandas, independentemente de suas orientações sexuais, merecem o mesmo respeito e dignidade do modelo hetero/branco/macho. Ser diferente não é ser ofensivo, é abrilhantar ainda mais a sociedade com sua alegria e seu jeito de ser, assim termino esse ciclo notificando as transformações

proporcionadas pela *web rádio* como inovadoras de um novo modelo com influência mútua pautada pela multiplicidade, são mudanças que provocam o novo diante das possibilidades apresentadas, com isso abrem-se novas janelas de conhecimento e desenvolvimento para a história das relações e das comunicações.

A essência da comunicação agora se faz mais presente e transforma esse processo diminuindo distâncias, aproximando mais as pessoas através dos dispositivos on-line. A *web rádio* transforma a maneira das pessoas interagirem, onde o “não-lugar” se apresenta como um lugar sólido para defesa de seus direitos e se fazerem ouvidas, dividindo esses canais em interesses sociais. A expectativa é que a *Rádio Web* atinja um grau mais construtivo e menos centralizador, quando tocar frentes que compreendam as identidades de gênero e de sexualidades no fórum local e global.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005.
- BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico (p. 17-28). In: BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BENTO, Berenice. *Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7-37.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: O Século XX. Zahar Editores: Rio de Janeiro - RJ. (s/d). DERRIDA, Jacques. *Posições / Jacques Derrida; tradução de Tomaz Tadeu da Silva*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 23-99.
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-179.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2004.